

## **Figurações da guerra: um relato-ensaístico**

Paulo Caetano  
UEMG  
paulorcaetano@yahoo.com.br

Mundo grande

Meus amigos foram às ilhas.  
Ilhas perdem o homem.

Entretanto alguns se salvaram e  
trouxeram a notícia  
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,  
entre o fogo e o amor.

Então, meu coração também pode crescer.  
Entre o amor e o fogo,  
entre a vida e o fogo,  
meu coração cresce dez metros e explode.  
- Ó vida futura! nós te criaremos.

(ANDRADE, 2001, p. 175).

### **Introdução**

O presente texto pode ser entendido como um “relato-ensaístico<sup>1</sup>”, concernente a uma experiência docente realizada no primeiro bimestre de um curso de literatura no 3º ano de uma escola em Belo Horizonte em 2016. Usualmente, no início do ano letivo, essa série tem no conteúdo programático o que se entende por segunda e terceira fases do modernismo brasileiro. Este contexto é marcado, dentre outros fatos, pela Segunda Guerra, a qual se faz presente, por

---

1. À luz de Silvina Rodrigues Lopes (2012), para quem o ensaio costuma trazer conexões imprevisíveis, permitindo “falas-aventura”.

exemplo, em *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade. Assim sendo, a etapa buscou ver como se dava a guerra (sob a ótica da voz poética), para então discutir a figuração deste conflito em outros textos, como na série “Band of brothers”. Como o conteúdo do bimestre previa, ainda, que se estudasse a literatura brasileira até 1975<sup>2</sup>, foram também objeto de estudo guerras (por assim dizer) com outros contornos, como se vê virulência dos personagens de *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. Desse modo, procurou-se ver como uma guerra tem constituições, objetivos, intenções, número de participantes e modos de existir distintos. A partir de tais textos, de momentos diferentes, foi proposto que os alunos refletissem criativa e esteticamente as guerrilhas que pululam o dia a dia.

### **Costura, enumeração, mundo**

Por muito tempo, as aulas de Literatura no Ensino Médio se circunscreveram à historiografia literária, perspectiva a qual tende a direcionar o trabalho para uma abordagem mais cronológica. Contudo, esse tempo que seria uma “seta apontando sempre para frente” é uma perspectiva, e como tal, pode caminhar lado a lado a outras abordagens. Talvez seja possível intervir no passado, como sugere Borges em “Kafka e seus precursores” ao colocar que já havia Kafka antes de Kafka. Assim sendo (se o presente pode ser “ferramenta” para ressignificar o passado), talvez seja possível realizar operações análogas de manipulação de objetos no tempo, como associar textos de períodos diferentes (cuja temática os amarre) como uma costura cuja linha comprima o espaço entre cada ponto, formando relevos novos (pedaços mais salientes que outros, os quais acabam tanto em erigir como velar momentos): um espaço formado pelo atravessamento de pontos amarrados. Assim, um

---

2. E como também o programa da instituição é intitulado “Literatura e Cultura”, ou seja, aberto a abordagens de objetos de outras linguagens artísticas (como é o caso da série televisiva).

texto de 1940 poderia ser ligado a outro de 1975, e este, por sua vez, a um de 2001 – trinca que colaboraria para então ler o momento em que a costura é feita (no caso, 2016).

*Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, foi publicado em 1940. Tal ano dificilmente deixaria de influenciar a escrita, tendo em vista a enormidade dos eventos deste momento: a Segunda Guerra, bem como o impacto que ideologias como fascismo e nazismo acarretavam a diversos povos. Nesse bojo, o poeta mineiro traz imagens que sugerem a gravidade do contexto, fazendo aquilo que Murilo Moura coloca como fusão do fato com a subjetividade<sup>3</sup>. Em *O mundo sitiado*, o crítico fala da interiorização da guerra que a poesia faz. Na escrita drummondiana isso seria ver uma vitória em relação ao provincianismo devido à abertura ao “mundo grande”. Mais do que uma aula de geografia (na menção do jornalismo às cidades, países em conflito, bem como a processos históricos, políticos que teriam desencadeado o combate), a escrita permitiria o “trânsito para o grande” e fazer comunicar “pontos afastados e realidades heterogêneas” (Moura, 2016, p. 107).

Esse processo de “ampliação” dialoga com a paradigmática leitura de José Guilherme Merquior, quem viu um amadurecimento da poesia drummondiana a partir da publicação de 1940. Expressões como “engajamento sóbrio”, “tomada de consciência do universo histórico concreto”, “consagração das vítimas esquecidas” (2012, p. 75) apontam para esse olhar da voz poética que não se restringe à própria inaptidão ou a um individualismo romântico. O movimento feito é o de escrita acerca do que tomaria de assalto: “A poesia é o assalto dos acontecimentos; não o dos jornais, bem entendido, mas o acontecimento verdadeiramente humano: a revelação súbita das violências da vida, ou, pelo menos, do

---

3. O professor da USP cita a formulação de Paul Éluard para dizer que a “sobrevivência literária” costuma passar pela união entre “circunstância histórica e circunstância íntima”. (Moura, 2016, p. 21).

sentido oculto de seu ‘curso normal’ (Merquior, 2012, p. 85). Diversos são, pois, os poemas de *Sentimento do mundo* que trazem uma voz poética assombrada para com o entorno. Medo e consternação são algumas das sensações que a acometem. Daí Merquior construir uma espécie de fórmula recorrente em *Sentimento do mundo*: a “consciência individual (mas socializável) do sofrimento coletivo” – o livro então seria menos um arrolamento de ações frente ao absurdo da guerra, e mais uma indicação “das maneiras de sentir” (Merquior, 2012, p. 74,75). É mister ver como, linguisticamente, essa *incorporação* do mundo e do sentir se dá. No poema que abre e dá título ao livro, lê-se

Quando os corpos passarem,  
eu ficarei sozinho  
desfiando a recordação  
do sineiro, da viúva e do microcopista  
que habitavam a barraca  
e nao foram encontrados  
ao amanhecer

esse amanhecer  
mais noite que a noite.  
(ANDRADE, 2001, p. 133-4).

Um recurso recorrente na escrita drummondiana é a enumeração caótica, a qual consiste no elencamento de itens aparentemente díspares, itens que inicialmente seriam de campos semânticos diferentes. Contudo, este arrolamento, em sua intensa disparidade, acaba por sugerir uma multiplicidade e diversidade da matéria abordada que, neste caso, diz respeito às mais diversas pessoas

(e suas ocupações) convocadas e mortas<sup>4</sup>. Esse longo alcance da guerra, em seu potencial aniquilador, instaura, assim, um amanhecer sombrio que, à revelia da luz solar (sinônimo de vitalidade e alegria), constrói o dia (metáfora para vida) como momento terrível.

No “Poema da necessidade”, por sua vez, o procedimento anafórico que atravessa todo o texto sugere o peso da onipresença de demandas sociais (muitas destas construções seriam tão urgentes quanto forçadas) em sua insistência e repetição nas mais diversas circunstâncias, como acreditar num deus, salvar o país, esquecer um amor etc.. Todavia, a estrofe final parece colocar em xeque o movimento predominante (de crítica às demandas), refletindo sobre convivência e cuidado para com o mundo:

É preciso viver com os homens,  
 é preciso não assassiná-los,  
 é preciso ter mãos pálidas  
 e anunciar o fim do mundo.  
 (Andrade, 2001, p. 136).

As mãos pálidas (sejam de frio, medo ou frieza) parecem sugerir uma postura ativa: anunciar o fim trágico que se dará conforme a “prescrição” dos versos anteriores (conviver com os homens e não assassiná-los). Por mais que o entorno seja hostil, uma “tolerância cerebral” seria o caminho salutar. Se nas estrofes anteriores prepondera uma tentativa “do mundo” de esmagar o indivíduo (com abjetas e descartáveis obrigações), o final, para além de uma chave fatalista, traz uma possibilidade conciliadora – postura que se repetirá noutros poemas, como será colocado à frente.

---

4. A enumeração dispar em Drummond não teria a dimensão religiosa a que Leo Sptizer se refere ao pensar num mundo aparentemente caótico (onde haveria um deus a dar uma forma) ou noutro de fato caótico (onde não haveria deus, nem portanto ordenamento a priori). A enumeração drummondiana alude mais à ideia de alcance do que à de ordenamento transcendental.

Esta “atitude ativa” encontra ressonância na irônica crítica de “Inocentes do Leblon”, poema em que a alienação burguesa é abordada. No texto, o culto excessivo ao corpo é indicador da despolitização de determinada fatia da sociedade, que opta por distanciar-se do que se passa na cidade – lugar em que vai aportar o navio. Este, por sua vez, carrega em si a multifacetação irredutível do mundo que, no plano da linguagem, é sugerida na enumeração caótica (emigrantes, bailarinas, rádio)<sup>5</sup>. Mais uma vez a lista heterogênea denota tal diversidade, a qual é negada por quem se restringe a cuidar do próprio corpo, em vez de envolver-se com o que se passa com a cidade e, por conseguinte, com o mundo (e com a guerra que transcorria<sup>6</sup>).

Assim, “curiosamente”, “a vida prossegue” com “As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios”, como se lê em “Os ombros suportam o mundo”. Drummond faz o que Ribeiro (2014) chama de “Expressão lírica de um mundo em colapso” (ainda que isso concirna a *Claro enigma*, livro de 1951) por trabalhar no plano da linguagem o absurdo da guerra, a violência de algumas relações sociais. Colapso esse que se vê na ideia de que não adiantaria mais morrer, ou na ideia de que a vida seria uma ordem, como sugere o final do poema. Este impasse terrível, talvez oriundo do cientificismo (que teria um ineditismo histórico<sup>7</sup>) usado nos experimentos nazistas, coloca em xeque a ideia de ser, de existência humana que a guerra torna instável, vulnerável.

---

5. Castilho (1964, p. 31) coloca que o recurso visa a “captar a complexa realidade objetiva e subjetiva do momento presente”.

6. A participação do país foi lateral. O envolvimento aí mencionado seria de ordem ideológica, pelo menos.

7. O ineditismo está colocado em dúvida aí devido ao fato de quase que paralelamente ter ocorrido o “Estupro de Nanquim”, episódio em que o exército expansionista japonês violentou enormemente chineses na Guerra Sino-Japonesa entre 1937 e 1938. Além de absurdos como estupros coletivos e vivisseccões, houve a instalação de um laboratório para realizar experiências médicas (resistência a torturas, transplantes sem anestesia, dentre outros). Mais detalhes podem ser vistos em: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=459391741176839&id=240720553043960](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=459391741176839&id=240720553043960) Acesso em 29 de abril de 2018.

Para além dos experimentos, em *Sentimento do mundo*, parece que o medo, como principal instrumento de controle na engenharia social, tomaria uma centralidade sem par na história da humanidade. Mais do que o ódio (sentimento que pode ser extramente útil, pois teria um potencial ativo), o medo seria esterilizante. E para que isso ocorra, como se vê em “Congresso internacional do medo”, tal sensação deve ter um caráter abrangente; deve ter relação com os mais diversos “objetos”: ditadores, igrejas, sertões, mares, soldados, democratas. Mais uma vez o poeta lança mão de uma lista heteróclita para sugerir a vastidão irredutível de algo.

Apesar de vários poemas apresentarem uma tristeza diante do contexto, é razoável colocar que o livro de 1940 tem, também, um viés positivo. Poemas como “Mãos dadas” e “Mundo grande” trazem uma voz propositiva: “não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas” (2001, p. 161), “ – Ó vida futura! nós te criaremos.” (2001, p. 175). Neste sentido, a dissolução do mundo é encarada via parceria.

Os poemas de *Sentimento do mundo* podem vir como uma reflexão sobre a guerra, e, também, como convite para a observação do entorno no contexto da leitura do livro. Isto, como será exposto mais à frente neste ensaio, colaborou para a criação da proposta de trabalho de criação artística apresentada aos alunos. Cabe ainda, entretanto, expor no que consistem os outros objetos abordados a partir do texto drummondiano.

### **A guerra: memória narrada, imagens concatenadas**

A partir da leitura dos poemas de Drummond, foi trabalhada a série “Band of brothers”, co-produzida por Tom Hanks e Steven Spielberg, lançada pela HBO em 2001. Com cuidado e investimento, a produção narra sobre a *Easy Company*, grupo de paraquedistas

estadunidenses que atuou no “Dia D” (6 de junho de 1944), na Batalha de Bulge, na captura do Ninho d’água (uma fortaleza de Hitler nos alpes de Berchtesgaden). Desde a preparação antes da decolagem, as novas chamadas para operações, até o distante fim da guerra, a série (baseada no livro de Stephen E. Ambrose) mostra os combates com forças alemãs, bem como embates internos, passando por questões psicanalíticas (como o surto de alguns soldados diante do absurdo da guerra).

Com dez episódios, tendo diversos diretores, a produção traz certo cuidado histórico, aliado a um convidativo ambiente narrativo: cada episódio é aberto com um combatente que de fato lutou na Segunda Guerra, o que busca conferir proximidade entre obra e eventos históricos. Ou seja, além da própria narração que uma produção fílmica constitui, há, em “Band of brothers”, o contar de quem participou, testemunhou e atuou no evento bélico.

Há na produção ainda outra relação com a escrita: o protagonista, major Richard Winter, no quinto episódio, “Crossroads”, é promovido: sai do campo para atuar administrativamente. Uma de suas funções é produzir relatórios sobre a companhia que comandara (*Easy*). O cuidado para com o texto que escreve é visto no esmero sugerido, na concentração investida pela personagem, na ausência de música e sons. Com isso, várias das frases escritas eram gatilho para a memória: elas desencadeiam *flashbacks* cujas cenas lembram circunstâncias várias, tais como estratégias elaboradas antes de um ataque, as investidas que não deram certo e, principalmente, o assassinato que ele comete contra um imberbe soldado alemão.

Essa última cena citada merece um comentário mais detido, pois ela é representativa do mérito da série. Mais do que representar a guerra por si só, a produção da HBO traz situações e personagens ambíguos. O próprio protagonista (interpretado por Damian Lewis) é

exemplar dessa leitura. Se numa observação rápida ele poderia ser visto como uma figura impassível a somente obedecer ordens, um olhar mais detido na atuação (fruto provavelmente da direção também) permite ver uma figura complexa que oscila entre a assertividade necessária (de uma decisão de ataque a ser rapidamente tomada) e o silêncio esmagador (fruto quiçá do inevitável impacto que a guerra causa no aparelho psíquico). Não é à toa que “Band of brothers” mostra muitos soldados com seus vícios: mais do que um uso modista (como o cigarro fora), o consumo de drogas (como o álcool consumido recorrentemente pelo capitão Lewis Nixon) parece apontar para uma canalização de afetos vários, como o medo, a tensão, a dúvida, o escapismo, o esquecimento deliberado. O uso excessivo dos entorpecentes, o mutismo atordoado, dentre outras ações, sugerem a complexidade de vários personagens da série, os quais estão além de uma obediência simplória em relação ao Estado. Disso Winter é exemplar; a cena em que ele mata o jovem soldado alemão lhe retorna mais de uma vez, como um retorno nietzschiano daquilo que não cessa de doer<sup>8</sup>. Curioso ainda é o momento em que, num metrô em Paris, num dia de folga, ele observa um jovem parisiense, o qual figura como estopim para a lembrança da referida cena de assassinato. Contudo, a recordação desse momento vem como uma “edição”: um zoom no rosto do soldado alemão, que parece então esboçar um sorriso (ação que não havia na cena original). Tal sorriso oscila entre um estado pueril (numa desarmonia com a guerra, esse evento adulto) e o enigmático (numa mistura ambígua de inocência, sem-graceza, cinismo, pedido de ajuda). Passada a guerra, o que fica (para além das marcas físicas e psicológicas) são imagens do evento, as quais, não raro, são experiências de dor, falta e violência sem par. Quase como um caleidoscópio, elas brotam com a escrita, trazendo certa imprevisibilidade (fruto de ataque-surpresa, do poder bélico e

---

8. “Apenas o que não cessa de causar dor fica na memória”. F. Nietzsche, *Genealogia da moral*.

destrutivo, da mudança repentina dos espaços explodidos). Estar na guerra é, sugere a série, lidar constantemente com mudanças drásticas: perda de companheiros, destruição de lugares. Cabe, pois, pensar nestas imagens que se concatenam

### **Voz e violência**

Como colocado, o terceiro ano do Ensino Médio trabalha, via de regra, com a produção literária brasileira a partir de 1922. Assim, posteriormente à discussão de poemas de *Sentimento do mundo*, iniciou-se a discussão do romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. A proposta, como é brevemente relatado aqui, é observar diferentes figurações do termo “guerra”. Se nos poemas esse termo concernia ao evento histórico, na novela nassariana ele diz respeito à forte tensão presente entre dois personagens: André e o pai, os quais representam, por assim dizer, valores aparentemente opostos, como a liberdade e a tradição, a impulsividade e o trabalho, respectivamente.

A forma ágil, virulenta e espasmódica com que *Lavoura Arcaica* é escrito tem íntimo diálogo com o *ethos* colérico do protagonista. Por sua vez, quando o pai tem a voz, a concatenação das orações segue um fluxo anafórico mais cadenciado, como comumente ocorre em sermões bíblicos. Assim, a linguagem é materialização, por assim dizer, de circunstâncias várias que atravessam o personagem: corpo, ideais, afetos enformam as falas de modo que as idiosincrasias dos personagens fulgurem, não “apenas” no conteúdo proferido, mas também no modo como isso é feito.

Há outros discursos que pululam a narrativa, como os de Pedro (uma paráfrase da figura paterna), da mãe (uma expressão do afeto no contato físico), de Ana (uma expressão que se dá *via* dança provocativa), os quais, ao longo da trama, prepararão o momento em que o confronto

mais intenso acontecerá. Assim, os discursos em confronto, mais do que “ter a razão” sobre o outro, parecem disputar uma hegemonia que transborda para a atmosfera doméstica. Ou seja, mesmo um núcleo familiar, grupo que talvez devesse ter menos diferenças entre os membros, pode funcionar como uma bomba iminente.

### **A proposta: registro de guerras diárias**

Postas tais colocações (as quais foram desenvolvidas em várias aulas, ou seja, com um detalhamento e contextualização maior que este relato traz), foi proposto às turmas de terceiro ano um trabalho de criação artística: tirar uma foto que mostrasse como o cotidiano do(a) estudante é atravessado por lutas, combates etc. Tal atividade, para além do tema, está em diálogo com a proposta modernista de poetização do trivial, isto é, o ordinário, o cotidiano pode se tornar fatura poética e, assim, vir a ser objeto de reflexão acerca do modo como o entorno tem sido erigido.

É importante colocar que num contexto em que o acesso à fotografia é relativamente simples (com o uso de câmeras nos celulares ou com a possibilidade de facilmente retirar uma foto da internet), foi colocado que não caberia à avaliação do docente averiguar se a fotografia seria oriunda, com efeito, do dia a dia discente. Ou seja, cabia ao estudante optar por tirar uma foto “autêntica”, ou então pegar uma foto qualquer na internet (e desse último modo abstendo-se de atentar para os eventuais conflitos do entorno). O que pareceu ocorrer era uma problematização intensa do entorno: as fotos tiradas giravam em torno das desigualdades sociais, das lutas por melhorias sociais, dentre outros. Com isso, a entrega das fotos consistiu numa apresentação de slides em que, uma a uma, cada foto era exibida, e o autor poderia comentar, contextualizar. Como o ano era 2016, muitos alunos tiraram

fotos de ocupações (movimento político estudantil que, dentre outras ações, era contra a chamada PEC 241, que a grosso modo, pretendia limitar o investimento em educação no Brasil) que se deram na grande Belo Horizonte.

## **Conclusão**

Este breve ensaio pretendeu contar, num arranjo ensaístico (na amarração dos objetos) como se deu o ensino de Literatura em uma determinada turma de terceiro ano ao longo de uma etapa (cerca de três meses) em 2016. O programa da instituição, que trazia em si a ideia de cultura atrelada à Língua Portuguesa e à Literatura, ensejava conexões como essas comentadas acima, o que permitiu ver (alunos assim diziam a partir da foto por eles tirada) que a guerra é uma constante (nas suas mais diversas “modalidades”) ainda que desumana e absurda. E a arte (seja literária, fílmica etc.) pode ser uma circunstância aguda para se pensar o evento bélico, devido ao potencial de memória e representação estética do real.

As aulas ainda se propuseram a ser um espaço de reflexão sobre a relação com a linguagem. A enumeração caótica drummondiana fulgura como uma tentativa, no plano linguístico, de dar conta da diversidade aleatória do real. Tal leque díspar dos itens acabaria por ser uma espécie de metonímia, de microcosmo do irredutível e heteróclito do mundo. Já na produção fílmica, a reflexão sobre a linguagem passa pela escrita como estopim mnemônico: os relatórios escritos pelo protagonista dão uma ideia da diversidade de experiências vividas por ele e a companhia. Cada imagem, como alguns dos itens das enumerações drummondianas, tende a trazer o absurdo desmedido do evento bélico. Já em *Lavoura Arcaica*, por sua vez, a guerra é de outra natureza (menos bélica, mas também letal), tendo os discursos como

arranjos da linguagem que dizem de quem os profere: o ritmo colérico de André aponta para seu estado impulsivo, desafiador, epilético; o ritmo de fala do pai, por sua vez, é mais cadenciado (não só por mais ter uma “serenidade etária”, colocada aqui de modo não determinista, obviamente) por buscar na dicção bíblica (em suas anáforas e alegorias) um amparo de poder místico-linguístico. Por fim, as fotografias apresentadas pelo corpo discente visavam a refletir não “somente” acerca das contendas cotidianas, mas também na apreensão imediata do cotidiano – procedimento que dialoga com a proposta modernista de poetização do trivial. Ver o entorno via fotografia pode significar atentar de modo mais detido para a composição do mundo, dos espaços, das relações travadas.

## Referências

ALONSO, Amado. **Poesía y estilo de Pablo Neruda**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Band of brothers. **Colorido. 773 minutos**. Seis DVDs. Time Warner Entertainment Company. HBO. 2002.

BORGES, Jorge Luis. **Kafka y sus precursores**. In: BORGES, Jorge Luis. *Otras inquisiciones*. Madrid: Alianza, 2007.

CASTILHO, Ataliba T. de. **A poesia de Carlos Drummond de Andrade**. In: Alfa: Revista de Linguística. V. 5. (1964). Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/265> Acesso em 11/5/18.

LOPES, Silvina Rodrigues. **Literatura, defesa do atrito**. Chão de Feira, 2012.

MARQUES, Rreinaldo. **O arquivo literário como figura epistemológica**. In: Revista Matraga. Rio de Janeiro, v.14, n.21, p.13, 23, jul./dez. 2007. Disponível em <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca21/arqs/matraca21a01.pdf> Acesso em 12/5/18.

MERQUIOR, José Guilherme. **Verso universo em Drummond**. Tradução Marly de Oliveira. São Paulo: É realizações, 2012.

MOURA, Murilo. **O mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Editora, 34, 2016.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RIBEIRO, Gustavo. **Breves notas sobre Claro enigma e Monodrama**. Disponível em <https://espantalhosdesamparados.wordpress.com/2014/09/25/breves-notas-sobre-claro-enigma-e-monodrama/> Acesso em 3/9/17.

SPITZER, Leo. **La enumeración caótica en la poesía moderna**. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. instituto de Filología, 1945.